

**Leitoras do Jornal das Famílias, em Machado de Assis:  
de ficções e realidades<sup>1</sup>**

*Woman readers of Jornal das Famílias in Machado de Assis: fictions and realities*

Rodrigo Fialho Silva<sup>2</sup>

Valéria Cristina Ribeiro Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:**

Este texto é resultado de reflexões sobre a questão da condição de leitura feminina, confrontada com estratégias narrativas, utilizadas pelo escritor Machado de Assis, nas publicações do *Jornal das Famílias*, que daí resultam ou para aí convergem, no contexto de recepção impressa do Brasil do século XIX. O *Jornal das Famílias* está disponível no acervo *online* da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e a partir da análise das fontes deste arquivo, o presente artigo procura problematizar a imagem da leitora ficcionalizada e da leitora em potencial, produzida pelo escritor no periódico oitocentista, que é criticada, como se representasse uma informação histórico-sociológica sobre a mulher da época. De pronto, apresenta breve análise dos contos, “Linha reta e linha curva”, “O segredo de Augusta”, “Confissões de uma viúva moça”, “A última receita”, “História de uma fita azul” e “Casa, não casa”, levados, em outro momento, a uma etapa mais complexa de análise e interpretação.

**Palavras-chave:** imprensa; século XIX; mulheres leitoras; Machado de Assis.

**Abstract:**

This text is the result of discussions on the issue of the women's reading condition, confronted with narrative strategies used by Machado de Assis in the publications of the *Jornal das Famílias*, which result or converge in the context of the printed reception in Brazil in the 19th century. The *Jornal das Famílias* is available in the online collection of the Hemeroteca Digital of the Fundação Biblioteca Nacional. This paper aims to problematize the image of the fictionalized woman reader and the potential woman reader created by the writer in this

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de reflexões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa "Do texto ao contexto: ensino, política e imprensa", da UEMG/Leopoldina, certificado pelo CNPq.

<sup>2</sup> ORCID: 0000-0001- 5601-7942. Diretor da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/ Unidade Acadêmica de Leopoldina. É Professor Efetivo Nível VI Grau B da mesma Universidade. Possui Pós-doutorado em História pelo PPGH/ICH da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. É Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É líder do Grupo de Pesquisa "Do texto ao contexto: ensino, política e imprensa", certificado pelo CNPq. E-mail: rodrigo.fialho@uemg.br

<sup>3</sup> Possui Pós-doutorado no Departamento de Artes e Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. É Doutora em Letras pela PUC-Rio. Desde 2009, é pesquisadora IILer/ Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio- Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, atuando em diferentes projetos, tais como a Plataforma PRALER e o Agente de Leitura. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Do texto ao contexto: ensino, política e imprensa", certificado pelo CNPq. E-mail: valeriacrp@yahoo.com.br

nineteenth-century magazine by analyzing the archive sources. This reader is criticized as if she represented historical-sociological information about the women of the time. Firstly, the work presents a brief analysis of the short stories "Linha Reta e Linha Curva", "O Segredo de Augusta", "Confissões de uma viúva moça", "A última receita", "História de uma fita azul" and "Casa, não casa", taken to a more complex stage of analysis and interpretation in a different moment.

**Keywords:** press; 19th century; woman readers; Machado de Assis.

## **1 Leitoras: problema ou solução?**

A crítica literária vem responsabilizando o público de leitoras do século XIX pela qualidade, considerada por muitos, inferior, da literatura brasileira, num período decisivo de sua formação, haja vista o fato de ser este o público leitor predominante dos jornais e revistas em que eram publicadas, inicialmente, as histórias de ficção. Tais jornais eram destinados às mulheres inseridas num contexto familiar, mulheres de diferentes idades que possuíam atividades e interesses dentro do espaço doméstico. Eram jornais que possuíam como principal objetivo promover a educação da leitora.

Segundo alguns estudiosos, como Antonio Candido (CANDIDO, 2006), por exemplo, os escritores, sabendo da existência de seu público de leitoras, procurou a ele se ajustar e, por isto, nossa literatura sofreu, como poucas, esta influência “caseira e dengosa” (CANDIDO, 2006, p. 94), das damas que tinham preferência pelos casos amorosos, pela narrativa fácil e pouco elaborada. Sendo assim, estes estudiosos constataam que a força do público de leitoras se sobrepôs ao trabalho de criação do escritor. Desta forma, o escritor apresenta-se como um ser completamente rendido ao poder das mulheres, um inocente, um ingênuo.

Porém, para o escritor ficcional, estas leitoras representam menos um percalço que um caminho para o desenvolvimento da ficção literária. O autor ficcional, ao contrário do que afirma a crítica, quando opta pela leitora, pode estar fazendo por possuir uma sabedoria estratégica, de acordo com o que lhe oferecia a realidade de sua época, ou seja, o público masculino não lia (CANDIDO, 2006) e, quando lia, optava por textos que não eram os ficcionais, por isto não havia condições de submeter os escritos ficcionais ao leitor-homem.

Desta forma, o que a crítica literária faz é emitir um pré-julgamento, já calcado nas bases de uma visão preconceituosa que determina que “trabalho de mulher e coisas de mulher” são saberes e fazeres inferiores. Para os intelectuais (CANDIDO, 2006), a leitura de um texto, quando feita por uma mulher, não passa de um entretenimento, um passatempo do mesmo nível

do bordado, algo que não merece importância, menor, restrito ao espaço doméstico, privado, desvalorizado.

Entretanto, na concepção de Maria Helena Vicente Werneck (1985), mais importante que se prender à desvalorização do público feminino pela crítica, é perceber, através do texto ficcional, como o escritor encarava isto e, para tanto, a autora se utiliza das estratégias presentes no próprio discurso da ficção e defende que a presença de uma leitora fictícia, em relação com o escritor e sua obra é alvo de intenções mais exigentes do que a simples adulação cativadora.

A partir desta ideia, procederemos à análise de alguns contos de Machado de Assis, grande colaborador do *Jornal das Famílias* e também um exímio criador de leitoras ficcionalizadas. Não se trata de recuperar a leitora real, da época do escritor, mas sim de tentar mostrar, através desta leitora, que Machado não se rendeu ingenuamente à ela, ao contrário, soube explorar com inteligência o potencial existente nestas mulheres e, por isso, não tratou de empobrecer a literatura brasileira, mas sim de enriquecê-la com o que lhe foi possível.

Analisando as leitoras ficcionalizadas em Machado, talvez possamos visualizar a participação do público feminino como sendo, ao invés de um representante de percalços, uma mola propulsora que contribuiu de maneira acentuada para o desenvolvimento da nossa literatura.

## **2 A imprensa, as mulheres leitoras e o *Jornal das Famílias***

O século XIX brasileiro é marcado pela circulação de jornais capazes de registrar as oralidades por meio do registro impresso e eternizá-las em suas páginas, configurando um novo universo de práticas culturais de comunicação, ou nas palavras de Marialva Barbosa, “a possibilidade de misturas: mistura oral com o mundo letrado e do universo letrado com os modos orais” (BARBOSA, 2013, p. 29). Dessa forma, os jornais editados circulavam com vistas a atender um público em geral, apesar de “Até a década de 1830, a maioria das mulheres era analfabeta”, (MOREL; BARROS, 2003, p. 60). Mesmo assim, os esforços em direcionar a imprensa para um público feminino sempre estiveram no horizonte daqueles envolvidos pelo universo das letras impressas, como afirma Karoline Carula ao destacar que, “Desde o início do Oitocentos, a imprensa periódica se empenhou na causa da educação feminina” (CARULA, 2016, p. 262).

A imprensa direcionada ao público feminino parecia possuir uma grande área de abrangência dentro do âmbito doméstico. O desprezo por temas da atualidade e relevância dada

a temas como moda, beleza, poesia, receitas culinárias, figurinos, contos, saúde, educação e outros assuntos era sua principal característica. Possuía uma linguagem, às vezes culta e literária, outras, coloquial, e os textos eram quase publicitários.

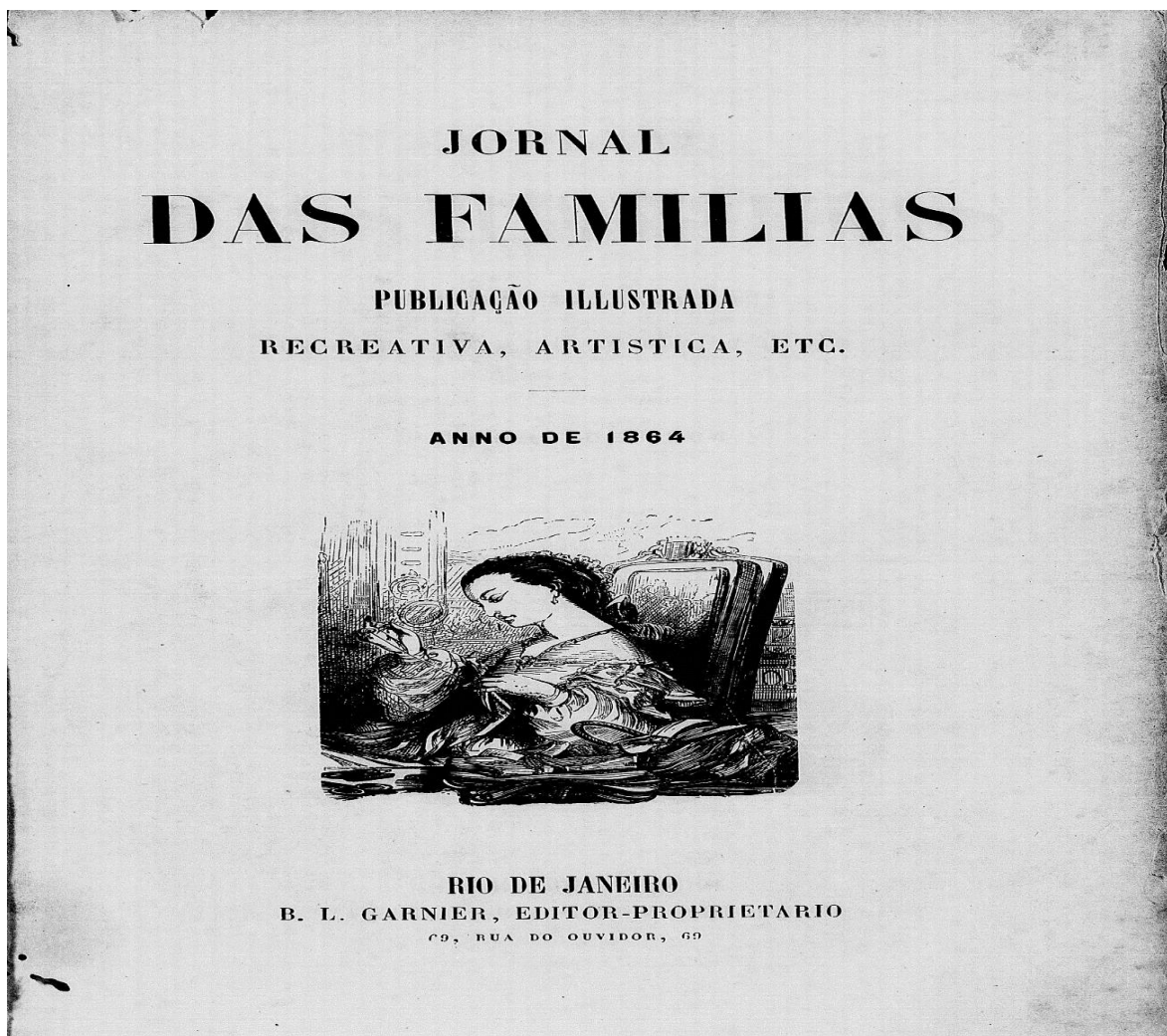
De acordo com Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros, “Os escritores, sentindo a força crescente das mulheres como público leitor, passaram a escrever para elas e a cortejá-las. Machado de Assis acompanhou essa tendência, colaborando sistematicamente com contos para o *Jornal das Famílias*” (MOREL; BARROS, 2003, p. 60).

A imprensa direcionada ao público feminino nasceu da literatura acompanhada da moda, entretanto, foi, pouco a pouco, essa literatura perdendo espaço para a moda e atividades domésticas e também nos espaços públicos, envolvendo homens e, principalmente as mulheres. De acordo com Karoline Carula:

[...] a imprensa tinha um papel de relevo no cotidiano daquelas pessoas. O que nela se noticiava era comentado e discutido em diversos espaços de sociabilidade. Além de promover a educação por meio de seus artigos mais informativos, as publicações também discutiam a importância da imprensa para a sociedade e o progresso da nação. Jornais e revistas, tanto os direcionados às mulheres quanto os voltados a um público amplo, dedicaram-se a tal causa civilizadora e modernizadora (CARULA, 2016, p. 261-262).

Nosso interesse, entretanto, restringe-se, ao *Jornal das Famílias*, do qual Machado de Assis foi colaborador sistemático, publicando grande quantidade de contos e três peças em verso, no período de julho de 1863 até dezembro de 1878, tempo de existência do jornal. O escritor deixou de contribuir para o periódico nos anos 1867 e 1868. Segundo Alexandra Santos Pinheiro, a importância do público feminino pode ser percebida por algumas estampas, a começar pela capa do periódico (PINHEIRO, 2007, p. 65), como pode ser observado:

FIGURA 1 – Jornal das Famílias.



Fonte: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=102>. Acesso em: 13 set. 2022.

O *Jornal das Famílias*, “que circulava mensalmente no Rio de Janeiro” (PINHEIRO, 2007, p. 60), era impresso em Paris<sup>4</sup> com gravuras e desenhos coloridos. Trazia moldes de trabalhos de crochê, bordados, tapeçaria, história, romances, poesias, literatura, culinária, publicação ilustrada, recreativa, artística. É interessante verificar que o período de existência deste jornal não foi curto como o da maioria, que sobrevivia apenas de um a três anos, ao contrário, ele contrapôs-se a esta efemeridade, estendendo sua existência ao longo de quinze anos.

<sup>4</sup> De acordo com Alexandra Santos Pinheiro, o *Jornal das Famílias* possuía “32 páginas fartamente ilustradas, sendo que algumas imagens são coloridas. Como é editado em Paris, indica dois endereços para correspondência: rua do Ouvidor, 65, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, e rua de l’Abbaye, 14, em Paris” (PINHEIRO, 2007, p. 60).

Outro ponto interessante a ser observado neste jornal é o fato de ele ter surgido quase trinta anos após o primeiro periódico feminino publicado e, apesar disso, não ser inovador, ele se aproveitou da tradição já encontrada e da experiência dos outros no gênero, para conseguir manter-se por este longo período. Este aproveitamento da tradição, os colaboradores talentosos, ou ainda, os impressores parisienses, tão experientes neste campo de trabalho, podem ter sido o segredo do sucesso do *Jornal das Famílias*. De acordo com Kátia Rodrigues Mello Miranda e Sílvia Maria Azevedo,

[...] o *Jornal das Famílias* não possuía um caráter inovador, pois, no mesmo estilo, ou seja, com vistas a agradar o público leitor feminino, de forma a educar as mulheres para a economia doméstica ou distraí-las com narrativas literárias, havia na mesma época uma série de outros periódicos, alguns inclusive fundados por mulheres (MIRANDA; AZEVEDO, 2009, p. 160).

Também é interessante observar as seções que este jornal continha, a fim de verificar o público específico ao qual ele era destinado, ou seja, dentro do público feminino, qual era o perfil da mulher que lia este periódico? As seções História, Economia Doméstica, Mosaico e Floricultura revelam com mais clareza tal perfil, mostrando a constituição de um discurso eminentemente didático com o qual o texto ficcional de Machado terá de dialogar.

Na seção História, por exemplo, apesar da denominação, os textos publicados não se referem à história política, referem-se a textos assinados pelo padre Francisco Bernardino de Souza em que são narradas passagens bíblicas que exemplificam atitudes e sentimentos valorizados pela religião cristã. Por exemplo, em a Morte de Sansão, Dalila é apresentada como sendo perigosa e capaz de mentir para atingir seus objetivos. Tal história funciona como um alerta para ambos os sexos, ou seja, um aviso aos homens a fim de que não enfraqueçam diante das palavras doces ditas pelas mulheres e, para as mulheres, para que estas não sigam o exemplo de Dalila, enveredando pelo caminho da mentira, da ambição e vaidade, sentimentos e comportamentos condenados pela Igreja. Passagens com este conteúdo tinham como objetivo reforçar a formação moral da família brasileira. A mulher, ao ser reconhecida como a principal aliada da Igreja na divulgação desses ensinamentos, foi considerada o melhor instrumento para mantê-los vivos, pois procurava difundir-los no recinto familiar, sendo assim contribuía para o sucesso como mãe de família.

No entanto, esta ideologia veiculada pela imprensa, a princípio procurando manter a mulher como ser inferior e alienado, capaz apenas de administrar questões concernentes ao lar, vai aos poucos contribuindo para o crescimento crítico da mulher, pois à medida que ela vai se

tornando responsável no lar, mais aumenta o seu poder e sua autoridade, o que mais tarde a levaria a conquistar seu poder no espaço público.

Desta forma, o *Jornal das Famílias* vai possibilitando à mulher desenvolver a inteligência e o poder crítico, ainda que, por um bom tempo, haja a intervenção de controladores sociais como padres, médicos e escritores. Desnecessário comentar o papel dos padres, quanto aos médicos, cabia-lhes a educação sanitária, e aos escritores cabia reforçar uma figuração e certos comportamentos femininos, via enredo e personagens, de maneira que limitassem à mulher em sua condição de esposa, filha e mãe.

Entretanto, dadas as condições de leitura, uma mudança vai se processando. Os contos de Machado de Assis, por exemplo, podem ser lidos por um outro ângulo, que não o restrito à manutenção do sistema, ditador de regras sustentadoras da mulher presa ao âmbito doméstico.

Ao contrário, há pontos importantes nos textos do escritor que podem orientar uma leitura nossa, menos desavisada, no que diz respeito a esta pedagogia literária. Machado, enquanto escrevia seus contos, dava oportunidades à leitora de construir um universo mais abrangente, utilizando a pedagogia na contramão do que, a princípio, era pretendido pelo jornal, ou seja, Machado, construindo personagens femininas, leitoras ou não, inventava na ficção mulheres dissimuladas, inteligentes e capazes de burlar prescrições impostas pela sociedade. Através destas personagens, o escritor cria a leitora ficcionalizada, responsável por comportamentos que demonstravam astúcia, o que, cada vez mais, levava a leitora real a pensar e, conseqüentemente, a progredir, numa perspectiva em gerar uma possível identificação das leitoras com as personagens femininas, por meio de um espelhamento possível.

### **3 Leitoras fictícias**

Analisando os procedimentos narrativos em Machado de Assis, o que se observa é a presença de uma técnica bastante madura, voltada para estimular a crítica e chamar a atenção do sujeito criativo existente em toda mulher que lia. Através da técnica de Machado é possível verificar o conhecimento que o autor possuía sobre seu público feminino e como trabalhou com este conhecimento de maneira a transformá-lo em subsídio para sua produção ficcional.

Para Maria Helena V. Werneck (1985), ao caracterizar a leitora fictícia, torna-se possível reconstruir o público ao qual o escritor desejava se dirigir, é possível verificar uma figura de leitora que o escritor desejava ter, leitora circunscrita ao âmbito da produção ficcional.

O leitor fictício, enquanto conjunto de convenções de um horizonte cultural tem suas bases de projeção identificadas com as normas e os valores do leitor contemporâneo ao escritor, embora sua existência só se constitua como hipótese, articulando os procedimentos de leitura certamente prováveis e aqueles que, antecipados para a cena da escritura, o autor espera que venham a se processar na interação texto – leitor (WERNECK, 1985, p. 17, grifo nosso).

Desta forma, o leitor fictício pode surgir na narrativa de duas maneiras: o leitor ficcionalizado e o personagem – leitor, sinais da presença do leitor-fictício, uma representação da consciência do escritor sobre o leitor real, seu contemporâneo.

O leitor ficcionalizado é o leitor inscrito na narrativa, com o qual o narrador dialoga, tendo-o como seu interlocutor mais próximo. É designado por expressões de tratamento convencionais como tu, você, senhor (a), leitor (a), ou por interpelações mais íntimas tais como caro leitor, minha amiga, cara senhora. É o primeiro leitor a tomar posse de um texto que circularia, a princípio, em circuito fechado ou pouco extenso. Por isso há o tom de intimidade, às vezes mais agressivo, às vezes solidário, podendo provocar a aproximação ou o distanciamento entre o leitor e o narrador. Trata-se, portanto, de uma função estratégica, utilizada para adiantar comentários ou prevenir sobre possíveis críticas que se venha a fazer ao texto. Tais digressões críticas podem ser confirmadas ou desmentidas pelo narrador e vão aos poucos fornecendo elementos para a classificação de leitores competentes ou não, criadores ou não, críticos ou não, emocionados ou não.

Diante disso, pode-se ter uma imagem muito nítida do leitor que o escritor deseja para seu texto e, em consequência desta presença constante do leitor ficcionalizado, o narrador acaba por tornar-se figura mais responsável, pois passa a participar da narração também como “autor inscrito”.

Já o personagem-leitor é geralmente uma faceta do personagem da ficção. Esta caracterização como leitor indica sua inserção na vida cultural da sociedade e, no caso da personagem mulher, revela componentes da psicologia feminina, componentes que apontam para o entendimento de sua condição e de sua rede de relações na sociedade. Mas, o papel desempenhado pela personagem leitora na narrativa não é um papel exclusivo, ser leitora pode nem ser uma característica muito acentuada pelo escritor, pode ser apenas um dado a mais na composição desta personagem, que se apresenta na narrativa de forma muito mais complexa.

Ser leitora é um atributo às vezes momentâneo na cronologia da narrativa, mas suficiente para informar sobre títulos disponíveis no mercado editorial, para documentar preferências por determinadas obras, para explicitar o significado



simbólico do objeto livro, para expressar o potencial gerador de identidade feminina, quando entre leitor e livro se instaura uma relação de confiança. A diversidade de variações através das quais a personagem que lê se mostra no texto contribui também para relativizar alguns estigmas com que a historiografia e a sociologia brasileiras durante um século representaram a mulher (WERNECK, 1985, p. 19).

Desta forma, a face leitora da personagem feminina pode tornar mais clara a visão que os escritores de ficção do século XIX possuíam a respeito de seu público. Ao que parece, Machado de Assis, contrariando o que afirma a crítica, aproveitou-se conscienciosamente deste seu público para promover a educação do gosto literário feminino, em lugar de aceitar uma acomodação a um padrão convencional, imposto, inclusive pelos jornais em que escritor, primeiramente, publicou seus primeiros textos. É importante lembrar que o *Jornal das Famílias* por exemplo, era destinado às mulheres que possuíam seus interesses restritos ao âmbito doméstico e que o objetivo deste periódico, como já foi visto anteriormente, era, manter o interesse desta mulher igualmente reduzido ao espaço privado de seu lar. Entretanto, Machado soube utilizar tal espaço na imprensa para despertar em seu público o espírito crítico e promover na mesma um desenvolvimento de suas potencialidades.

Enfim, a visão do escritor contida na escritura do texto pode destruir, ou pelo menos minimizar, a opinião da crítica que culpa o público feminino pela qualidade inferior de nossa literatura.

#### **4 Machado conta um conto, Machado aumenta um ponto**

Alguns contos machadianos, no fundo, veiculavam vários ensinamentos morais e religiosos, porém, já é perceptível a vocação realista do escritor que, com o tempo, amadurecerá sua narrativa e se desvinculará dos padrões convencionais, além de passar a utilizar de recursos veiculadores de informações desenraizadas de procedimentos que procuravam manter a mulher na mesma vida, sem nenhum questionamento.

Na verdade, Machado de Assis sempre inovou em suas narrativas e, assim sendo, se em alguns momentos divulgou comportamentos ultrapassados, em outros proporcionou às suas leitoras a possibilidade de utilizar o poder crítico, ajudando-as a construir o discernimento para formar com mais segurança suas opiniões.

Sendo assim, inovando em seu estilo, o escritor, quando constrói suas leitoras ficcionalizadas e suas personagens leitoras, nos contos do *Jornal das Famílias*, ainda que meio titubeante, se comparado ao escritor dos romances posteriores, já ensaia a melhor maneira de Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 57-73, jul./dez., 2022

se aproximar do público de mulheres, sem desprezar seus supostos vícios literários, mas aproveitando-os para, em seguida, mostrar a este público outras formas de leitura e comportamento. O autor, procedendo desta forma, pretende conquistar e alargar o universo de recepção em que sejam abolidas pela leitura as diferenças de sexo.

Alguns contos foram selecionados, a fim de se fazer a verificação da presença das leitoras ficcionalizadas e das personagens-leitoras.

Numa primeira leitura dos textos machadianos, poderíamos tão somente afirmar que para a maioria de seus personagens, mulheres de uma burguesia nascente e, portanto, pertencentes ao conjunto das que recebem uma educação moldada para a vida dos salões (ler, escrever, algum domínio de uma língua estrangeira \_ o Francês, geralmente, e noções de piano), a leitura é predominantemente, uma forma de preencher a ociosidade do lar (WERNECK, 1985, p. 106).

De fato, se ficarmos numa primeira leitura, estaremos corroborando o ponto de vista negativo da crítica literária, mas, se por outro lado, fizermos uma leitura um pouco mais atenta, constataremos as várias estratégias utilizadas pelo autor e veremos que Machado soube aproveitar muito bem o espaço que lhe foi concedido na imprensa e que, além disso, soube valorizar seu público de leitoras.

No primeiro deles, “Linha reta e linha curva” (1865 e 1866) encontramos uma leitora que não é a leitora adequada para Machado. Adelaide, a personagem-leitora, não possui atitudes próprias com relação à sua leitura. Ela lê através do marido e este é quem lhe dá as armas para construir um ponto de vista mais crítico.

[...] Azevedo lia alto; Adelaide ouvia-o ler, mas como se ouve um eco do coração, tanto a voz do marido e as palavras da obra correspondiam ao sentimento interior da moça.

No fim de algum tempo Azevedo deteve-se e perguntou:

– Queres que paremos aqui?

– Como quiseres, disse Adelaide.

[...] Eu penso que o casamento deve ser um namoro eterno. Não pensas como eu?

– Sinto, disse Adelaide.

– Sentes, é quanto basta.

– Mas que as mulheres sintam é natural; os homens...

– Os homens, são homens.

– O que nas mulheres é sentimento, nos homens é pieguice; desde pequena me dizem isto.

– Enganam-te desde pequena, disse Azevedo rindo.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> LINHA recta e linha curva. *Jornal das Famílias*, t. 3, n. 10, p. 290-291, out. 1865. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=835> . Acesso em: 19 set. 2022. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 57-73, jul./dez., 2022

Podemos observar que a personagem Adelaide, além de somente fazer suas leituras através do marido, também é alguém que não pensa, apenas sente. Mas Azevedo, neste caso, é quem a educa e procura retirar-lhe pensamentos equivocados, principalmente sobre diferenças sentimentais entre homens e mulheres. O marido também chama atenção da esposa sobre mentiras contadas, desde que ela era pequena e, desta maneira, torna-se um agente capaz de fazer eclodir na mulher um pensamento crítico, reflexivo. Assim sendo, o escritor apresenta uma personagem que não é seu ideal de leitora, mas que pode transformar-se.

Em “Confissões de uma viúva moça” (1865), conto também estudado por Maria Helena V. Werneck, a personagem Eugênia apresenta-se na condição de leitora de romances. Como tal passa a viver a própria vida à semelhança de suas leituras. Completamente contaminada pelos romances românticos, Eugênia reedita Madame Bovary e passa a confundir sua realidade com a dos romances. Não está pronta para colocar em prática as estratégias de dissimulação e agir com inteligência.

Já a personagem Augusta, do conto “O segredo de Augusta” (1868), é uma personagem-leitora que tem sua inteligência formada através de livros e expressa nos vestidos que compra. Abandonada pelo marido, que passa as madrugadas fora de casa, Augusta busca companhia nos livros, que chegam até a fornecer-lhe a perspectiva do adultério. Desta forma, a personagem, em companhia do livro, vai formando sua inteligência e se vingando na compra de vestidos, pois gasta o que resta da fortuna do marido em coisas fúteis e supérfluas.

Em “A última receita” (1875), encontramos a presença da personagem-leitora e da leitora ficcionalizada. Paula, uma viúva ainda jovem, começa a padecer de uma doença sem gravidade e, por isso, torna-se necessária a presença de um médico, o Dr. Avelar. Mas, ao longo do texto, o (a) leitor(a) vai percebendo com a ajuda do narrador que a doença de Paula, mesmo com os medicamentos, insiste em se prolongar, entretanto, isto não passa de um artifício da moça para continuar mantendo as constantes visitas do médico. Este, por sua vez, compactua com a moça e continua lhe fazendo as visitas, mesmo sabendo que a moléstia já ficara reduzida a nada. Os dois tornam-se cúmplices na mentira, que tem por trás de si um interesse sentimental recíproco.

Há um momento no conto em que o médico, ao chegar à casa da paciente, a encontra folheando um livro. É possível, diante deste quadro, entender a personagem Paula como uma leitora mais adequada a Machado, pois ela, quando divide a mentira com o médico, um homem

de profissão conceituada, é colocada no mesmo nível de inteligência do rapaz, sabe tanto quanto ele comportar-se de maneira dissimulada. Ao final, a personagem obtém a vitória e casa-se com o médico, o prêmio pela utilização de sua inteligência.

Há também neste conto o constante diálogo com o (a) leitor (a). O escritor o leva a participar da narrativa, colocando-o sempre bem próximo das cenas e, além disso, tem este leitor como inteligente o bastante para dispensar determinadas explicações. “Seria realmente zombar do leitor o explicar-lhe que a doente e o médico estavam a pender um para o outro; que a doente sofria tanto como o Corcovado e que o médico conhecia cabalmente a sua perfeita saúde”.<sup>6</sup>

Também no conto “História de uma fita azul” (1875 e 1876) encontramos um (a) leitor ficcionalizado (a). Logo no início do texto, o narrador estabelece um tom de intimidade, agressivo, mas estratégico, como já sabemos. Ao explicar para o leitor o motivo pelo qual Marianinha desejou bordar na fita o nome de Gustavo, dirige-se da seguinte maneira: “Por uma razão muito clara e singela, leitor ignaro; porque o namorado de Marianinha não se chamava Alfredo, nem Benedito, nem Damião, mas Gustavo [...]”.<sup>7</sup>

Estabelecida a aproximação, o narrador vai, ao longo da narrativa, promover diversas interpelações que tornam o (a) leitor (a) cúmplice do narrar, totalmente participante no texto. Com relação ao diálogo amoroso entre Marianinha e Gustavo, novamente o interlocutor do narrador é convidado a tomar parte: “Todo o resto do diálogo foi assim por este gosto, como naturalmente o leitor e a leitora compreendem, se é que já não passaram pelo mesmo como eu sou capaz de jurar”.<sup>8</sup>

Tais digressões vão pontuando todo o texto e o elogio à inteligência dos leitores também faz parte delas. Referindo-se ao estado lastimável de Gustavo por causa das exigências da namorada, conversa com seus leitores: “Dizer que jantou mal, é noticiar ao leitor uma coisa que ele naturalmente adivinhou [...]”.<sup>9</sup> Ao final do conto, o narrador noticia o casamento de Gustavo e Marianinha e conhecendo o gosto de seu público feminino cativa-o com a seguinte passagem:

<sup>6</sup> A ÚLTIMA receita. *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 9, p. 277, set. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4607>. Acesso em: 19 set. 2022.

<sup>7</sup> HISTÓRIA de uma fita azul. *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, dez. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&Pesq=ir%20at%c3%a9%20a%20do%20Conde&pagfis=4700>. Acesso em: 19 set. 2022.

<sup>8</sup> CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, Paris, t.13, n. 12, p. 361, dez. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&Pesq=ir%20at%c3%a9%20a%20do%20Conde&pagfis=4704>. Acesso em: 19 set. 2022.

<sup>9</sup> CASA, NÃO casa... fim. *Jornal das Famílias*, t. 14, n. 1, p. 14, jan. 1876. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&Pesq=Dizer%20que%20jantou%20mal&pagfis=4740>. Acesso em: 19 set. 2022.

“Nesse mesmo dia foi pedida a moça. Casaram-se pouco depois e vivem felizes, não direi onde, para que os não vão perturbar na sua lua-de-mel que dura há largos meses. Desejo o mesmo às leitoras”.<sup>10</sup>

Também é interessante notar neste conto algumas passagens em que o narrador busca a paciência do leitor na tentativa de retirá-lo do espaço das narrativas previsíveis e diretas. Numa espécie de ensaio para os romances posteriores mais elaborados, o escritor já deixa transparecer traços de uma narrativa menos linear, conforme, mais tarde, se vê, por exemplo, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994),<sup>2</sup> o escritor, no fim do texto, informa a ele que depois de ir e vir, finalmente, a história terá fim.

Excluídas, porém estas e outras flores de retórica, a verdade é que eles pareciam gostar um do outro, e se quisessem saber mais alguma coisa leiam a novela para diante.

[...]

Não precipitemos entretanto aos acontecimentos, esperemos ao segundo capítulo.

[...]

Nestas alturas não há de demorar o desfecho (ASSIS, 1994, p.40.)

Em outro conto, “Casa, não casa” (1875 e 1876), o estilo ziguezagueante também é utilizado como recurso de elaboração da narrativa, tentando introduzir a leitora num universo de leitura mais crítica e reflexiva – “Antes de ir adiante, e não será longe porque a história é pequena” (ASSIS, 1994, p. 79) – diferente dos romances românticos, aos quais a leitora estava habituada, tão habituada que o narrador neste conto julga desnecessária a descrição da personagem Isabel, apenas diz que ela era “ bonita como todas as heroínas de romances e contos”.<sup>11</sup>

O elogio à inteligência da leitora, também, continua sendo utilizado, assim como sua inserção na narrativa, num esforço do narrador em fazê-la tomar parte no caso, cativá-la e, estrategicamente, educá-la para pensar: astúcias de narrador.

Não estando as janelas fechadas, a leitora, caso morasse defronte, veria nossa heroína pousar a vela sobre um aparador, abrir um álbum, tirar um retrato, que não saberia se era de homem ou de mulher, mas que eu lhe afirmo ser de mulher. Tirado o retrato do álbum, pegou a moça na vela, desceu a escada, abriu a porta de rua e saiu. A leitora ficaria naturalmente assombrada com tudo isto; mas que não dirá quando a visse seguir pela rua acima, voltar à das Flôres,

<sup>10</sup> HISTÓRIA de uma fita azul: fim. *Jornal das Famílias*, t. 14, n. 2, p. 36, fev. 1876. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4765>. Acesso em: 19 set. 2022.

<sup>11</sup> CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, p. 12 [353], dez.1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4695>. Acesso em: 05 set. 2022. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 57-73, jul./dez., 2022

ir até a do Conde, e parar à porta de uma casa?<sup>12</sup> [...] e a leitora compreende facilmente que tendo ambas descoberto o segredo uma da outra [...].<sup>13</sup>

Após estas análises, podemos constatar que Machado não se tratava de um autor ingênuo e à mercê de seu público feminino, ao contrário, valeu-se dele e do espaço no *Jornal das Famílias* com inteligência, utilizando seu estilo a fim de contribuir para o desenvolvimento de nossa literatura, com o que lhe fornecia aquele momento, um público de mulheres, com um grande potencial a ser explorado.

## 5 Leitoras: solução

Como se pode perceber, a crítica literária não tem sido justa ao avaliar a participação do público de mulheres leitoras na formação da ficção brasileira. Constatamos que, na visão do escritor Machado de Assis, este público não representou um percalço e sim um caminho que precisava ser percorrido e explorado, a fim de transformar este público, até que fossem diminuídas as diferenças entre a competência de leitura do público de sexo feminino e masculino.

Sem depreciar o público feminino que lia ficção, o escritor representou esta leitora média, desenhou sua imagem e narrou suas reações em situação de leitura. A presença de personagens-leitoras e as leitoras ficcionalizadas presentes em suas narrativas serviram como ponte entre o autor e a leitora real, numa relação menos de confronto e mais de cumplicidade, o que propiciou não uma acomodação do escritor em relação a esta leitora, mas um diálogo enriquecedor para ambas as partes.

A passagem de Machado pelo **Jornal das Famílias** deu-lhe uma dimensão do tamanho de seu público e, talvez por isso, ele tenha desenvolvido com tanta habilidade os recursos de preparação da mulher para novos procedimentos de leitura. Mesmo garantindo a ela o prazer de ler histórias de amor, foi, aos poucos, utilizando uma pedagogia de leitura, tentando transformá-la numa leitora capaz de uma leitura mais adequada dos romances com maior grau de elaboração que estariam por vir.

Na pedagogia da leitura machadiana, a intimidade com o texto e a curiosidade da leitora são dados positivos que devem ser reelaborados, a fim de fazê-la sair de sua passividade de

---

<sup>12</sup> CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, p. 12 [353], dez.1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4695>. Acesso em: 05 set. 2022.

<sup>13</sup> CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, p. 355, dez.1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4697>. Acesso em: 05 set. 2022.

leitora que se deixa conduzir. Como a personagem Paula, do conto “A última receita”, a leitora deve desenvolver estratégias de dissimulação. Entretanto, deve saber reconhecer a diferença entre a ficção e a realidade e não tomar a narrativa como modelo para sua vida, pois corre o risco de terminar como Eugênia, em “Confissões de uma viúva moça”.

Assim, se, no âmbito do social, a mulher exercita o fingimento, a dissimulação, é importante que a leitora, no contato com o texto literário, esteja consciente de sua natureza ficcional e nele busque um espaço de fazer criativo, adquirindo uma experiência que, em retorno, a ajude a melhor viver o seu cotidiano de mulher submetida (WERNECK, 1985, p. 136).

Assim sendo, Machado leva a leitora a construir, de maneira mais analítica, uma leitura astuta, coerente com o projeto do escritor. Nada é gratuito, ao que se propõe Machado, neste período de circulação de seus contos no periódico estudado.

Em resumo, tem-se que em 1864 o autor precisava trazer para o conto “dados verídicos”, porém externos, e gastar algumas linhas a explicar a diferença entre ficção e realidade e o jogo que se dá entre ambas. Falar puramente em evolução limita o que se estava a fazer nessas narrativas, uma vez que evolução implica a gradação valorativa, ir de um estado menos reconhecido a um melhor visto. Se a literatura acompanha seu público leitor, pois sem ele não existe, é nítido o processo de ordenação dos escritos do *Jornal das Famílias*, como se as lições estivessem obedecendo a um arranjo de fatores a se saber sobre literatura; lições a serem cumpridas para que se evolua como leitor competente. (HORA, 2017, p. 122).

A evolução de uma leitora competente, em consequência dos fatores mencionados, combinados nas narrativas dos contos escolhidos para análise, é o que se pode ver na leitora, mulher de seu tempo, ou seja, século XIX, sendo moldada, para, posteriormente, tornar-se uma leitora dotada de proficiência, portanto, mais exigente na sua experiência de leitura e mais crítica na construção dos posicionamentos.

### Referências

ALBERGARIA, Lino de. *Do Folhetim à Literatura Infantil: leitor, memória e identidade*. Belo Horizonte: Lê, 1996.

ASSIS, Machado de. Contos Fluminenses. In: *Machado de Assis. Obras Completas*. Vol. 2. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: *Obras Completas*. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BARBOSA, Marialva. *História da Comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2013.

CANDIDO, ANTONIO. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARULA, Karoline. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n.1, p. 406, jan./abr. 2016.

HORA, Carla Laureto. *Leitura dos primeiros contos de Machado de Assis no Jornal das Famílias*. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

MIRANDA, Kátia Rodrigues Mello; AZEVEDO, Sílvia Maria. Revista Popular (1859-1862) e Jornal das famílias (1863-1878): um perfil dos periódicos de Garnier. *TriceVersa*, Assis, v.3, n.2, nov.2009/jun.2010.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *Mestra entre agulhas e amores: a leitora do século XIX na literatura de Machado e Alencar*. 1985. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.

ZILBERMAN, Regina. Leitoras de carne e osso: a mulher e as condições de leitura no Brasil do século XIX. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 31-47, out. 1993.

Fontes:

A ULTIMA receita. *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 9, p. 277, set. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4607>. Acesso em: 19 set. 2022.

CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, Paris, t.13, n. 12, p. 361, dez. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&Pesq=ir%20at%c3%a9%20a%20do%20Conde&pagfis=4704>. Acesso em: 19 set. 2022.

CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, p. 12 [353], dez.1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4695>. Acesso em: 05 set. 2022.

CASA, não casa... *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, p. 355, dez.1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4697>. Acesso em: 05 set. 2022.

CASA, NÃO casa... fim. *Jornal das Famílias*, t. 14, n. 1, p. 14, jan. 1876. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&Pesq=Dizer%20que%20jantou%20mal&pagfis=4740>. Acesso em: 19 set. 2022.

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 57-73, jul./dez., 2022



HISTÓRIA de uma fita azul. *Jornal das Famílias*, t. 13, n. 12, dez. 1875. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&Pesq=ir%20at%c3%a9%20a%20do%20Conde&pagfis=4700>. Acesso em: 19 set. 2022.

HISTÓRIA de uma fita azul: fim. *Jornal das Famílias*, t. 14, n. 2, p. 36, fev. 1876. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=4765>. Acesso em: 19 set. 2022.

LINHA recta e linha curva. *Jornal das Famílias*, t. 3, n. 10, p. 290-291, out. 1865. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=339776&pagfis=835>. Acesso em: 19 set. 2022.